

## O diferencial de um grupo de convivência: equilíbrio e proporcionalidade entre os gêneros

*The spread of a social group: balance and proportionality between genders*

Alessandra Cardoso Vargas  
Marilene Rodrigues Portella

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva identificar os determinantes da participação masculina no grupo de convivência da localidade de Farinhas, município de Alpestre (RS), e o significado em suas vidas. Trata-se de uma pesquisa de campo descritivo-exploratória, realizada por meio de entrevistas, com 71 participantes do grupo de convivência, sendo 36 homens e 35 mulheres, com idade entre 50 e 90 anos. Os resultados mostram transformações positivas promovidas por programas de atividades sociorecreativas na terceira idade.

**Palavras chave:** Grupos de convivência; Questões de gênero; Sociabilidade.

**ABSTRACT:** *The present study aims to identify the determinants of male participation in the support group of the town of Flour, Alpestre municipality (RS), and meaning in their lives. This is a field research descriptive / exploratory study, conducted through interviews with 71 participants living group, 36 men and 35 women, aged 50 to 90 years. The results show positive changes promoted by programs of socio-recreational activities for the elderly.*

**Keywords:** *Social groups; Gender questions; Sociability.*

## Introdução

Com o aumento da expectativa de vida, a longevidade passou a ser vista não só como um ganho para a sociedade, mas também como uma preocupação, devido ao aumento de patologias, disfunções psicológicas e funcionais causadas pelo estilo de vida das pessoas, o que pode causar uma diminuição na qualidade de vida da população (Almeida, Marcelino & Vieira, 2012).

Nas palavras de Camarano (2004), o crescimento da população idosa é consequência de dois processos: a alta fecundidade no passado, observada nos anos 1950 e 1960, comparada à fecundidade de hoje e a redução da mortalidade da população idosa. Por um lado, a queda da fecundidade modificou a distribuição etária da população brasileira, fazendo com que a população idosa passasse a ser um componente cada vez mais expressivo dentro da população total, resultando no envelhecimento pela base. Por outro, a redução da mortalidade trouxe como consequência o aumento no tempo vivido pelos idosos, isto é, alargou o topo da pirâmide, provocando o seu envelhecimento.

De acordo com os resultados do Censo de 2010, divulgados pelo IBGE, o estado do Rio Grande do Sul apresentou a menor taxa de crescimento populacional do Brasil. Em contrapartida, em 50 anos - de 1950 a 2000 - o número de pessoas idosas vivendo no estado passou de 188.263 para 1.065.484 (Camarano, 2008).

Com base nessa mudança de perfil etário da população, segundo Debert (2004), tem-se assistido a uma socialização progressiva da velhice e suas formas de gestão, ganhando destaque em diferentes contextos e tornando-se objeto de interesse, por exemplo, de educadores físicos, psicólogos, médicos, assistentes sociais, entre outros profissionais, culminando no surgimento de um campo de saber específico - a Gerontologia. Esse movimento de transformação torna o processo do envelhecimento como uma preocupação social, surgindo categorias como “o idoso” e várias nomenclaturas para representar novas imagens da velhice, através de experiências inovadoras que se propõem a rever os estereótipos associados a esta (Maia, 2010).

Com o desenvolvimento da compreensão sobre as diferenças corporais sexuais, a sociedade cria ideias e valores sobre o que significa ser feminino ou masculino, homem ou mulher, para representar o gênero. De acordo com Figueiredo *et al.* (2007), essas questões são

discutidas na faixa etária em que homens e mulheres encontram-se no período reprodutivo, momento no qual se estabelecem as relações matrimoniais e nascem os filhos, ou seja, as relações de poder sobre o corpo feminino é uma fase em que são mais perceptíveis os diferentes papéis e valores estabelecidos para a identidade masculina e feminina.

Já na velhice ocorre certa negação dessas questões, em função da sexualidade, que mascaram tanto as perdas como os ganhos trazidos pelo envelhecimento. Contudo, velhice e gênero revelam que os valores e padrões socioculturais do comportamento humano estão presentes no cotidiano de homens e mulheres que envelhecem e determinam a ocorrência de eventos e atitudes que podem se tornar limites ou possibilidades para a conquista do envelhecimento saudável (Figueiredo *et al.*, 2007).

Seguindo a trajetória de pensar em envelhecimento saudável surgiram os grupos de convivência que se deram devido à elevação do número e a proporção de pessoas idosas. No Brasil, a primeira experiência na formação de tais grupos de convivência na Terceira Idade (GTIs) ocorreu no Serviço Social do Comércio (SESC), de São Paulo, em 1963, que focalizou o encontro social e a ocupação do tempo livre dos aposentados. Desde então, vários grupos foram sendo formados, expandindo-se por todo o país, possibilitando muitas formas de inter-relacionamento humano, educação social e estímulo às demandas pela realização de projetos que vão ao encontro do interesse dos idosos.

De acordo com Vieira *et al.* (2011), os GTIs surgem como relevante possibilidade de participação social de idosos e expressão individual de suas capacidades e possibilidades.

Entretanto, observa-se nos GTIs que há pouca participação masculina, raramente ultrapassa os 20% (Suzuki, 2005). Dessa forma, há necessidade de realizar estratégias para que motivem e promovam a inserção dos homens idosos em grupos de convivência, visto que em muitos grupos eles têm demonstrado trazer melhorias na sua qualidade de vida pela abertura de crescimento pessoal e melhor reconhecimento perante a sociedade (Portella, 2002).

No entanto, chama-nos a atenção o fato de um grupo de convivência localizado na comunidade rural de Farinhas, município de Alpestre (RS), que se diferencia dos demais grupos, por este ter característica peculiar: a expressiva participação masculina. O grupo em questão fora idealizado por dois homens, desde o ano de 2006, em que tinham o objetivo de reunir as pessoas com idade mínima de 50 anos, e desenvolver atividades ocupacionais e de lazer a esta população.

Sendo assim, o interesse pelo estudo realizado com o grupo “Sempre Unidos” surgiu, uma vez que há registros que, no Brasil, a participação de homens em grupos é pouco expressiva; daí a relevância da contribuição que os resultados podem somar na construção do conhecimento da ciência do envelhecimento, em especial, nas questões de envelhecimento e gênero.

Considerando o presente problema, o estudo objetiva identificar os determinantes da participação masculina no grupo de convivência na Terceira Idade da localidade de Farinhas, município de Alpestre (RS), e o significado disso em suas vidas.

## **Metodologia**

O delineamento deste estudo constitui uma pesquisa de campo descritivo-exploratória, de natureza qualitativa, realizada com 71 indivíduos, sendo 36 homens e 35 mulheres, com idade entre 50 e 90 anos que frequentam o grupo de convivência “Sempre Unidos” da localidade rural de Farinhas, no município de Alpestre (RS).

O grupo atende aos quesitos de voluntariado, idealizado desde o ano de 2006, por um grupo de pessoas do gênero masculino que tinham o objetivo de divertimento e distração, integrando-se com os demais, dando um novo sentido à vida tão sofrida dos longos anos de trabalho enfrentados pelo homem da roça.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, individuais, gravadas por meio eletrônico, posteriormente transcritas e analisadas. Os instrumentos utilizados como pontos de apoio foram:

a) Ficha de dados contendo variáveis sociodemográficas – Instrumento criado especialmente para este estudo, no qual foram registradas as informações sobre: gênero, idade, estado civil, escolaridade, renda mensal e ocupação profissional;

b) Questionário semiestruturado com perguntas abertas. Instrumento organizado de forma que os participantes tivessem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto.

Atendendo às normas éticas da resolução 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde (CNS)/Ministério da Saúde, que dispõem sobre pesquisas científicas envolvendo seres humanos, este estudo passou, inicialmente, pela aprovação da Secretaria do Grupo de Convivência “Sempre Unidos”, em seguida foi encaminhado ao Comitê de Ética em

Pesquisa da Universidade de Passo Fundo, protocolo n.º 0286.0.398.000-11, obtendo parecer de aprovação n.º 613/2011.

Os participantes foram esclarecidos detalhadamente a respeito do processo de pesquisa. Sua participação foi formalizada por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## **Resultados e discussões**

Com o aumento da expectativa de vida, o homem pode assumir os diversos papéis existentes na sociedade, ocorrendo à possibilidade de ser filho, pai, avô e bisavô, entre outros papéis. Nesse sentido, carecemos de um novo paradigma social, o que implica, necessariamente, um olhar diferenciado sobre a realidade dos idosos e as estratégias de inserção social deste segmento, em especial, sobre a participação masculina nos grupos de convivência, usualmente conhecidos como grupos de terceira idade.

No que confere às ações ou projetos, neste grupo são realizadas várias atividades, dentre elas: ginásticas, momentos de espiritualidade, visitas a outros grupos, passeios, encontros, matinês, dentre outras propostas de lazer. Para Silva *et al.* (2009), os grupos devem buscar a participação espontânea, proporcionando a essas pessoas atividades de promoção e prevenção da saúde física e mental pela integração com diversas formas de atividades físicas, culturais e recreativas.

O grupo em questão foi criado em fevereiro de 2006, com propostas de um plano anual de suas atividades, normas estas que regem o seu funcionamento, tendo por objetivo principal o desenvolvimento de atividades ocupacionais e de lazer aos frequentadores.

Com a iniciativa de buscar a participação entre seus pares, dois homens lançam a ideia depois do conhecimento da dinâmica de propostas que acontecem aos arredores; então, lançam o convite, motivam as pessoas e, assim, inicia-se a trajetória da formação de um grupo de convivência de terceira idade, cuja predominância masculina se distingue dos demais.

O grupo, na percepção dos participantes, é a alternativa de estarem inseridos em espaços sociais, pois o veem como um projeto alternativo crescente que contribui para o aumento da autoestima dos participantes. Sendo assim, a participação neste espaço social e as relações vivenciadas, como as do entrosamento e do fortalecimento de laços/vínculos entre

esses participantes, oportunizam encontros divertidos e prazerosos, muitas vezes não vividos anteriormente, possibilitando então, novas perspectivas futuras na vida de todos.

Frequentar o grupo de terceira idade para essas pessoas da comunidade gera-lhes mudanças, logo ao se engajarem, pois muitos descobrem, depois de algum tempo, que suas vidas sofreram uma reviravolta, trazendo uma grande melhoria em seu dia a dia. Segundo Portella (2002), é uma possibilidade de vivenciar a velhice de forma livre e responsável, assim como de ter o direito a optar por um conjunto de atividades sociais mais adequadas, em lugar da carência ou ausência de um projeto de vida.

Para Pena e Santo (2006), as atividades de lazer e a convivência em grupos contribuem tanto para manutenção do equilíbrio biopsicossocial do idoso, quanto para minimização de possíveis conflitos ambientais e pessoais, como se observa neste estudo, em que a participação desses indivíduos da mesma geração em atividades coletivas sociais proporciona-lhes bem-estar, conscientização para a importância do autocuidado e contribui para que eles vivenciem uma troca de experiências.

### ***Como se dá a caracterização dos participantes***

Os idosos constituem a parcela da população que mais cresce em todo o mundo.

Observa-se, em alguns estudos, que a participação dos idosos nos grupos de convivência, em relação ao gênero, tem predominância expressiva feminina (Debert, 1988; Kroeff, 2001; Araújo, Coutinho & Carvalho, 2005). Diferentemente do encontrado neste estudo, quando se verifica que há certa proporcionalidade e equilíbrio deste percentual entre os gêneros, o que pode ser explicado pela forma com que este grupo surgiu, talvez pela iniciativa dos que agregaram um maior número de participantes da categoria, como se observa na Tabela 1, a seguir:

**Tabela 1** - Perfil sociodemográfico dos participantes do grupo de convivência

	<b>Variáveis sociodemográficas</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<i>Gênero</i>	Masculino	36	50,70
	Feminino	35	49,30
<i>Faixa etária</i>	50 – 59 anos	18	25,35
	60 – 69 anos	30	42,25
	70 – 79 anos	16	22,54
	80 – 89 anos	7	9,86
<i>Estado civil</i>	Casados	57	80,28
	Viúvos	11	15,49
	Solteiros	1	1,41
	Divorciados	1	1,41
	Separados	1	1,41
<i>Escolaridade</i>	Não estudou	11	15,49
	Ensino fundamental	54	76,06
	Ensino médio	3	4,23
	Superior completo	3	4,23
<i>Renda mensal</i>	Até um salário mínimo	8	11,27
	Até dois salários mínimos	32	45,07
	Até três salários mínimos	19	26,76
	Até quatro salários mínimos	8	11,27
	Mais de quatro salários mínimos	4	5,63
<i>Aposentadoria</i>	Sim	56	78,87
	Não	15	21,13

Em sua maioria, os idosos encontravam-se na faixa etária de 60 a 69 anos, sempre prevalecendo o maior número de homens. Segundo Borges *et al.* (2008), o fato de ter a presença maior de idosos entre 60 e 69 anos, nos grupos de convivência, está associado a sua autonomia e menor participação no mercado de trabalho, com tempo mais livre, ou a uma fuga do estereótipo de idoso. Por outro lado, a baixa participação de idosos com mais de 80 anos pode decorrer em função do maior grau de comorbidades com o aumento da idade e a dependência. Estes são fatores importantes, em que podem limitar o acesso e a participação nas atividades oferecidas pelo grupo, uma vez que esses indivíduos dependem de outras pessoas para levá-los até o local dos encontros.

Quanto ao estado conjugal, chama a atenção o fato de a maioria ser casado; quanto à questão da escolaridade, o ensino fundamental predominou entre os participantes, com destaque para a presença de uma parcela, mesmo que pequena, com formação de ensino superior completo, o que se atribui às mulheres por serem professoras rurais. A relação da baixa escolaridade observada entre esta população, está em consonância com as observações de Pavarini *et al.* (2008), ao constatarem que a maioria dos idosos, cursou o ensino fundamental incompleto, apresentando entre um a cinco anos de escolaridade. Este percentual evidencia o significativo número de pessoas com pouco ou nenhum grau de escolaridade, fato considerado comum na realidade dos países em desenvolvimento como o Brasil, principalmente quando se trata de idosos que viveram sua infância em época em que o ensino não era prioridade.

Analisando a fonte de renda dos participantes, podemos perceber que a maioria recebe até dois salários mínimos. Essa situação pode ser reflexo da condição rural, diferentemente do estudo de Meira *et al.* (2004), que referem a questão da saída do mercado de trabalho em decorrência da aposentadoria, sendo esta uma opção para alguns e obrigação para outros. A questão da aposentadoria é relevante, pois garante segurança e tranquilidade ao indivíduo com o avançar da idade.

Neste estudo, a maior parte pertence ao grupo dos aposentados e pensionistas, mas que continuam exercendo suas atividades próprias do contexto rural, em que os proventos contribuem para a melhoria das condições de vida. No entanto, as tarefas da vida do interior, na prática da agricultura, seguem seu curso normal, apesar do avanço da idade.

Vários estudos sobre grupos de terceira idade referem que há mudanças nos participantes. Se antes ficavam em casa, cuidando dos netos, fazendo os afazeres domésticos, dentre outras atividades, agora saem desse recinto e passam a frequentar um determinado grupo e, com isso, advêm as oportunidades de bailes, de atividade física, de passeios, viagens e outras tantas atividades que lhes trazem satisfação (Sesc, 2003; Portella, 2004; Ferrigno, 2006). Nesse sentido, observa-se, nas falas dos homens, o quanto buscam reelaborar o viver do seu dia a dia, construindo meios para se manterem ativos, saudáveis e independentes.

Analisando os registros das entrevistas, fica evidente o significado positivo do grupo em suas vidas, que lhes proporciona bem-estar e satisfação pessoal. Para esses idosos, frequentar um espaço social exerce-lhes uma forte influência quanto à ressocialização, pois, após se aposentarem, muitos se defrontam com o isolamento social e, ao terem a oportunidade

de conviver com outras pessoas da mesma idade, encontram um novo significado no existir e um objetivo a seguir na sua vida, destacando sempre as mudanças e experiências ocorridas após a sua entrada no grupo.

Diante dessa realidade de grande contribuição de homens em um grupo de convivência na terceira idade, percebe-se que os benefícios da participação destes têm influenciado na qualidade de vida e bem-estar desta população. Pessoas da mesma geração estão participando e se envolvendo em grupos sociais similares, deixando de lado aquelas atividades que socialmente são reconhecidas como específicas para o segmento idoso, tais como: ficar em casa descansando, sentar na praça, ir à bodega, jogar baralhos, cuidar dos netos, entre outras.

Seguindo tal linha de raciocínio, a participação desta população em GTIs, nos quais desenvolvem várias atividades, levam à construção de uma utopia de envelhecer saudável, pois, após entrarem em algum grupo, observam-se mudanças no cotidiano de sua vida, em sua alimentação, nas atividades motoras e intelectuais (Portella, 2004).

Deixar de lado pensamentos negativos e individuais e começar a ter uma visão otimista dos acontecimentos, por sua vez, trazem ao idoso a percepção que velhice não é doença e que é sim possível ter saúde e amigos nesta etapa da vida. Segundo Fortes (2008), envelhecer deixa de ser um peso e passa a ser visto como algo muito bom, como um momento e que as preocupações e ações realizadas são em função do bem-estar próprio.

## **Considerações Finais**

Objetivando apreender o significado do grupo em suas vidas, averiguamos nas falas dos entrevistados, uma enorme relevância da participação desta população em um GTI, em que obtiveram uma melhora no convívio social através das atividades de lazer, bem como um novo sentido para o processo de viver e envelhecer, os quais dão razão à vida com dignidade.

Enfim, cabe mencionar que vários estudos ressaltam a ausência de homens em grupos de convivência na terceira idade, pois predomina nesses GTIs, em sua maior parte, a presença feminina; diferentemente, observa-se no presente estudo, que o homem se faz presente de forma tal que sua participação se distingue das demais.

Vale destacar a necessidade de investimento em novos estudos que contemplem realidade semelhante à pesquisada, para que os dados possam ser corroborados ou contraditos.

Por outro lado, esta proposta se configura como uma importante alternativa para a promoção da saúde social do segmento envelhecendo, principalmente quando pensamos as políticas públicas de atenção à pessoa idosa com foco centrado no Envelhecimento Ativo.

## Referências

- Almeida, A.S., Marcelino, P.C. & Vieira, P.S. (2012). Empoderamento no processo de envelhecimento humano: algumas reflexões e contribuições sobre saúde e qualidade de vida. Buenos Aires (Argentina): *EFDeportes.com – Revista Digital*, 17(167).
- Araújo, L.F., Coutinho, M.P.L. & Carvalho, V.A.M.L. (2005). Representações sociais da velhice entre idosos que participam de grupos de convivência. Brasília (DF): *Psicologia – Ciência e Profissão*, 25(1), 118-131.
- Borges, P.L.C., Bretas, R.P., Azevedo, S.F. & Barbosa, J.M.M. (2008). Perfil dos idosos frequentadores de grupos de convivência em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Rio de Janeiro (RJ): *Caderno de Saúde Pública*, 24(12), 2798-2808.
- Camarano, A.A. (2004). Introdução. In: Camarano, A.A. (Org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?*, 382. Rio de Janeiro (RJ): IPEA.
- Camarano, A.A. (Coord.). (2008). *Características das Instituições de Longa Permanência para Idosos - Região Sul*. Brasília (DF): IPEA; Presidência da República.
- Debert, G.G. (1988). Envelhecimento e representações da velhice. Rio de Janeiro (RJ): *Revista Ciência Hoje*, 8(44), 60-88.
- Debert, G.G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo (SP): EDUSP; FAPESP.
- Ferrigno, J.C. (2003). *Coeducação entre gerações*. Petrópolis (RJ): Vozes/SESCSP.
- \_\_\_\_\_ (2006). Trabalho social com idosos: apresentação da experiência pioneira do SESC na área do lazer e da cultura. São Carlos (SP): *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, 14(1), 23-31.
- Figueiredo, M.L.F., Tyrrel, M.A.R., Carvalho, C.M.R.G., Luz, M.H.A., Amorin, F.C.M. & Loiola, N.L.A. (2007). As diferenças de gênero na velhice. Brasília (DF): *Rev Brasileira de Enfermagem*, 6(4), 422-427.
- Fortes, F.M. (2008). A superação das limitações da terceira idade através das danças adaptadas. *Anuário da Produção Acadêmica Docente*. São Paulo (SP), II(3), 419-433.
- Kroeff, L.R. (2001). O idoso e seu processo grupal institucional num programa para idosos. Porto Alegre (RS): *Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento*, 3, 103-121.
- Maia, G.F. (2010). *Olhares sobre o envelhecer: uma leitura de gênero no centro de Santa Maria*. Dissertação de mestrado. Santa Maria (RS): Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria.

Meira, E.C., Souza, A.S., Souza, D.M., Santos, M.O.Q. & Vasconcelos, C.C.S. (2004). Conhecendo e intervindo junto ao idoso participante dos grupos de convivência para a terceira idade. In: *Congresso Brasileiro – Extensão Universitária da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, 2. Anais*. Belo Horizonte (MG): UESB.

Pavarini, S.C.I., Luchesi, B.M., Fernandes, H.C.L., Mendiondo, M.S.Z., Filizola, C.L.A., Barham, E.J. & Oishi, J. (2008). Genograma: avaliando a estrutura familiar de idosos de uma unidade de saúde da família. Goiânia (GO): *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 10(1), 39-50.

Pena, F.B. & Santo, F.H.E. (2006). O movimento das emoções na vida dos idosos: um estudo com um grupo da terceira idade. Goiânia (GO): *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 8(1), 17-24.

Portella, M.R. (2002). *A utopia do envelhecer saudável nas ações coletivas dos grupos da terceira idade: canais de aprendizagem para a construção da cidadania*. Tese de doutorado. Florianópolis (SC): Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina.

Portella, M.R. (2004). *Grupos de terceira idade: a construção da utopia do envelhecer saudável*. Passo Fundo (RS): Ed.UPF.

Silva, C.A., Marco, C., Silva, F.T.da & Pasqualotti, A. (2009). Percepção psicossocial do processo de envelhecimento. In: Santin, J.R., Bertolin, T.E. & Diehl, A.A. (Org.). *Envelhecimento humano: saúde e qualidade de vida*, 44-60. Passo Fundo (RS): Ed. UPF.

Suzuki, C.S. (2005). *Aderência à atividade física em mulheres da Universidade Aberta à Terceira Idade*. 1004 f. Dissertação de mestrado. Programa da Pós-Graduação em Enfermagem em Saúde Pública. Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Vieira, P.S., Baggio, A., Maraschin, R. & Dal’Vesco, F. (2011). Terceira idade, aposentadoria e grupos de convivência. In: Diehl, A.A., Vieira, P.S. & Bertolin, T.E. (Orgs.). *Envelhecimento humano: experiência, diálogo e conflito*, 151-177. Passo Fundo (RS): Ed. UPF.

Recebido em 03/05/2013

Aceito em 13/06/2013

---

**Alessandra Cardoso Vargas** - Mestre em Envelhecimento Humano pela Universidade de Passo Fundo (RS). Graduada em Educação Física pela Universidade Luterana do Brasil-SM.  
E-mail: alessandracvargas@hotmail.com

**Marilene Rodrigues Portella** - Professora do Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano na Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo (RS), Brasil.

E-mail: portella@upf.br